

EMPATIA EM AÇÃO: COMBATENDO O *BULLYING* E CONHECENDO O "OUTRO" UMA DINÂMICA DE GRUPO NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA FOMENTAR A COMPREENSÃO E CONEXÃO ENTRE ADOLESCENTES.

Rafaél de Lima ¹

RESUMO

Neste estudo, alunos do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Municipal Pelotense, em Pelotas, Rio Grande do Sul, participaram de uma abordagem educacional conduzida por estudantes de Licenciatura em Computação do campus Pelotas do IFSul, como parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Os alunos instrutores ministraram aulas de computação, usando o tema do *bullying* de forma integrada aos conteúdos de informática. A iniciativa ocorreu em agosto de 2023, visando conectar a temática do *bullying* com a habilidade da empatia. O objetivo era estimular os alunos a compreenderem melhor seus colegas, identificando preocupações compartilhadas e promovendo um ambiente de apoio mútuo. Inspirados pelas reflexões de Edith Stein, a abordagem se baseou na capacidade de perceber semelhanças entre indivíduos, destacando que a empatia não é identidade, mas reconhecimento de coexistência. Durante o projeto, os 32 alunos, de uma turma diversa em questões de etnia, religiosidade, sexualidades etc, discutiram angústias pessoais e praticaram a ética da escuta. No contexto contemporâneo, com o uso crescente das redes sociais, a abordagem se tornou especialmente relevante para lidar com expressões individuais que se entrelaçam na coletividade. O projeto buscou sensibilizar os alunos sobre a importância da empatia, incentivando seu uso não apenas na escola, mas também em situações cotidianas. O estudo proporcionou uma oportunidade valiosa para explorar e discutir questões complexas e pertinentes à realidade dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizado enriquecedor.

Palavras-chave: Educação, Docência, Aluno, Empatia, *Bullying*.

INTRODUÇÃO

Empatia: substantivo feminino que, de acordo com o Dicionário Aurélio online significa: “A capacidade psicológica para se identificar com o eu do outro, conseguindo sentir o mesmo que este nas situações e circunstâncias por esse outro vivenciadas. Ato de se colocar no lugar do outro” (AURELIO, 2023. s/p). Fundamentada em conhecimentos variados e profundos, a empatia é uma expressão de origem grega, que denota a capacidade de compreender as necessidades alheias ao vivenciar suas alegrias e angústias, mesmo que não haja uma proximidade íntima entre essas duas pessoas.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - RS, rafa.ascompelotas@email.com;

O termo "*bullying*" tem sua origem na língua inglesa, sendo derivado do verbo "to bully", que se traduz como "intimidar". No âmbito educacional, o *bullying* pode ser compreendido como:

[...] conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que acontecem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima (LOPES NETO, 2005 p. 165).

O *bullying* tem sido objeto de debates em diversos âmbitos sociais. Quando abordamos esse assunto no ambiente escolar, somos levados a contemplar uma variedade de reflexões relacionadas às agressões enfrentadas por estudantes, incluindo tanto violência física quanto psicológica.

Considerando a retomada ainda recente das atividades escolares, em caráter de normalização, e a realidade das escolas públicas no Brasil. Considerando o contexto de vulnerabilidade enfrentado pela maioria das famílias dos alunos, combinado com a influência das novas tecnologias e a adaptação a novas formas de interação após a pandemia, além de uma notável onda de ódio e intolerância, tanto em espaços físicos quanto virtuais, em que os estudantes têm experimentado situações altamente prejudiciais para seu crescimento educacional e bem-estar psicológico — todos esses fatores acentuam e fortalecem o papel das escolas nesse cenário. Nesse sentido, as instituições de ensino se encontram na posição de recriar o futuro, implementando medidas emergenciais para mitigar esses impactos e desempenhando um papel positivo no desenvolvimento das gerações futuras. Isso inclui diretamente a promoção de ações e discussões sobre a valorização das diferenças.

Neste contexto, surge o presente trabalho, como resultado de uma abordagem realizada com estudantes do 9º ano do ensino fundamental no Colégio Municipal Pelotense, localizado na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Essa iniciativa foi concebida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), conduzido por estudantes matriculados no curso de Licenciatura em Computação do campus Pelotas do IFSul (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense). Estes alunos assumiram a responsabilidade de ministrar aulas de computação para a turma, utilizando o tema do bullying de maneira transversal aos conteúdos aplicados nas aulas de informática.

A dinâmica que foi objeto central deste trabalho foi realizada durante o mês de agosto de 2023, com a proposta de estabelecer conexões entre a temática e a habilidade da empatia. O intuito era incentivar os alunos a desenvolverem um entendimento mais profundo uns dos outros, explorando as preocupações dos colegas e identificando questões compartilhadas.

Além disso, a atividade visava criar um ambiente de conforto, em que os alunos pudessem oferecer apoio mútuo.

A expectativa era uma atividade dinâmica, que pudesse pôr em prática o conteúdo e o aprendizado sobre *bullying* trabalhado nas semanas anteriores, objetivava-se que ao final da tarefa os alunos estivessem mais abertos e confiantes para falar de si e uma experiência de conhecimento da realidade dos colegas para exercer um olhar para o “outro”, reconhecendo-os como seres humanos que, assim como eles, tinham histórias, memórias, sensações e sentimentos.

“A estes chamamos de ‘o outro’ – é tão profunda esta expressão – é um ‘alter ego’, outro eu. E este outro eu tem suas próprias vivências sendo ele mesmo um núcleo vivencial e justamente por isso ele é outro, outro com as mesmas capacidades do ‘eu’ e daí uma mesmidade, porém é diferente do meu eu, é um ‘outro eu’”(Farias, 2013, p. 35).

Dessa maneira, o projeto teve como propósito central possibilitar aos estudantes reflexões sobre angustias vividas, presenciadas ou imagináveis e sobre a empatia praticada, vivenciada ou desejada para com o outro em uma situação de angústia. Para isso foram pensados os seguintes objetivos específicos: 1) dialogar e possibilitar aos estudantes uma discussão sobre as temáticas *bullying* e empatia; 2) possibilitar aos estudantes expor angustias que lhes eram conhecidas e sensibilizá-los a refletir na ética da escuta; 3) aproximar os alunos, para que compartilhassem realidades e se conhecessem como colegas, plurais e humanos; 4) avaliar as ações durante o projeto, além de promover a troca de impressões entre todos os envolvidos.

A justificativa para aplicação do projeto fundamentou-se na necessidade de sensibilizar a ampla diversidade de alunos presentes na escola, uma vez que, devido à sua pluralidade, eles podem enfrentar dificuldades em lidar individualmente com as disparidades e em se colocar no lugar do outro diante de situações diversas. Com isso, o propósito é sensibilizar esses estudantes, permitindo que conheçam melhor seus colegas, compreendam a importância da empatia e adquiram formas conscientes de aplicá-la tanto no âmbito escolar quanto em contextos externos.

Ao longo de todo o semestre, a temática foi amplamente explorada na classe dos estudantes. As atividades práticas de computação foram intercaladas com discussões e dinâmicas que abordaram o fenômeno do *bullying* no ambiente escolar. A turma, composta por 32 alunos, apresentava uma rica diversidade de realidades e contextos, espelhando um simulacro da sociedade com variadas etnias, orientações sexuais, crenças religiosas e outras características. Esse cenário proporcionou um ambiente propício para a abordagem do tema,

motivando-nos e demandando uma exploração mais profunda. Isso se tornou ainda mais relevante em um contexto social contemporâneo marcado pelo aumento do uso das redes sociais, onde muitas formas de expressão individual se entrelaçam na coletividade.

As inquietações e sugestões levantadas pelos alunos ao longo das aulas nos orientaram na exploração de temas como racismo, intolerância religiosa, sexualidade, contexto familiar e afetividade. Tudo isso foi relacionado de maneira interligada à temática do *bullying*.

As competências gerais da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) têm um grande valor na realidade pela qual estamos passando, permeando a estrutura escolar e até mesmo nas ações fora do ambiente escolar, legitimando a missão inserida ao PPP (Projeto Político Pedagógico) que ressalta: “Caberá à escola, além da transmissão e construção do saber historicamente acumulado, despertar no educando uma consciência que transcenda o individual para o social” (PPP, 2020. s/p).

Considerando que os alunos passam grande parte do dia na escola, esse ambiente tem papel fundamental no desenvolvimento de suas personalidades. Isso apresenta um desafio significativo aos educadores, instigando-os a considerar maneiras de fomentar e cultivar a capacidade empática entre os discentes. Isso envolve não apenas as interações entre os colegas, mas também as relações estabelecidas com os professores. Os psicólogos há muito investigam como as características que manifestamos como adultos têm suas raízes em experiências vividas durante a infância. Nesse sentido, é intrigante perceber como os educadores têm a oportunidade de abordar esse tema de maneira proativa.

A concepção da dinâmica teve sua origem a partir das reflexões de Edith Stein (2004), as quais abordam a capacidade de capturar a semelhança imediata entre dois indivíduos. Procuramos assim explorar a percepção dos alunos com as angústias do outro e sua capacidade de se posicionar com empatia diante de alguma situação de *bullying*.

Stein apresentou a idéia que a apreensão da semelhança imediata ocorre através da percepção e da intuição. Segundo a sua perspectiva fenomenológica, a percepção não se limita à mera identificação das diferenças externas entre os objetos, mas também envolve a captação das semelhanças que existem entre eles. Stein argumenta que, quando percebemos dois objetos diferentes, também somos capazes de intuir uma semelhança subjacente que une esses objetos em um nível mais profundo.

Essa ideia ressalta a importância da intuição e da compreensão das estruturas essenciais subjacentes aos objetos. Ao olhar para dois seres distintos, somos capazes de perceber não apenas suas diferenças externas, mas também a essência compartilhada que os conecta. Isso implica que nossa percepção vai além das características superficiais, alcançando uma compreensão mais profunda das relações entre os seres (STEIN, 2004).

Alguns autores consideram que o desenvolvimento da empatia está intrinsecamente ligado à expressividade emocional. Está diretamente associada à habilidade de vivenciar e expressar tanto emoções positivas quanto negativas. Crianças que crescem tendo experiências emocionais abrangentes, como medo, tristeza, felicidade e que conseguem reconhecê-las e aceitá-las, tendem a lidar de forma mais eficaz com sua própria raiva durante interações sociais, o que, por sua vez, as torna mais inclinadas à empatia (ROBERTS; STRAYER, 1996).

No contexto educacional brasileiro, as primeiras investigações acadêmicas sobre a preocupação com a violência no ambiente escolar surgiram no início dos anos 1980 (SPÓSITO, 2001). No contexto escolar, em especial, o *bullying* é uma questão que impacta praticamente todas as escolas em diferentes graus. No entanto, é notável que, no senso comum, existe uma compreensão superficial do que é esse fenômeno, o que muitas vezes dificulta a formulação de estratégias eficazes para enfrentá-lo.

Em síntese, é possível sugerir que a prática de *bullying*, seja no âmbito escolar ou em qualquer outro contexto, representa um dilema com ramificações negativas para todos os envolvidos. Dentro da instituição educacional, tanto as vítimas quanto suas famílias e mesmo os agressores podem sofrer consequências ao vivenciar situações de intimidação sistemática. Portanto, a compreensão é clara de que a sensibilização e a criação de um ambiente escolar adaptativo, além de proporcionar formação contínua para os educadores, emergem como abordagens construtivas para prevenir tais problemas.

As aulas conduzidas durante o PIBID abrangeram atividades práticas de computação que estavam conectadas a discussões sobre o *bullying*. Durante esse período, houve uma constante busca por esclarecer as dúvidas dos estudantes, compreender suas preocupações relacionadas ao tema e incentivar sua participação ao sugerir assuntos e tópicos a serem explorados. Ao chegar ao final do semestre, a abordagem adotada culminou em uma dinâmica destinada a promover a empatia e o autoconhecimento entre os alunos.

A dinâmica adotada compreendeu os seguintes passos; primeiramente, foi conduzida uma apresentação que contextualizou questões como preconceito, angústia, *bullying*, falta de empatia, intolerância e desrespeito às diferenças, abordando o cenário contemporâneo em que vivemos. Posteriormente, a turma foi dividida em dois grupos: Ao primeiro grupo foi solicitado que cada membro do grupo escrevesse anonimamente em um pedaço de papel uma angústia que tenha experimentado, presenciado ou imaginado, real ou fictícia. Isso poderia envolver situações de desconforto, constrangimento ou algo considerado errado que pudesse prejudicar alguém.

No segundo grupo, aleatoriamente, cada membro deste grupo escreveu em pedaços de papel frases de conforto destinadas a pessoas que possivelmente enfrentaram algum tipo de preconceito ou situação prejudicial. Estas frases seriam palavras de encorajamento, motivação e conforto que eles gostariam de oferecer a essas pessoas.

Em seguida, os papéis contendo as angústias foram misturados em uma caixa, e os papéis com as frases de conforto em outra. Um a um, os papéis das angústias foram distribuídos aleatoriamente aos alunos, que liam em voz alta. Aqueles que se identificavam ou concordavam com a situação levantada se manifestavam. Simultaneamente, um outro aluno escolhido aleatoriamente lia uma das frases de conforto, também distribuídas aleatoriamente, com o intuito de praticar a empatia e transmitir a mensagem de que sempre há um lugar ou uma voz de conforto para cada angústia.

De um lado várias situações e angústias surgiram: relações familiares, racismo, transfobia, falta de afeto, violência contra a mulher, intolerância, desrespeito, e de outro lado frases de apoio: vai ficar tudo bem, você não está sozinho, eu entendo sua dor, e principalmente busque ajuda, denuncie.

O contexto da atividade foi emocionalmente impactante. Os relatos compartilhados pelos estudantes revelaram uma relevância profunda para o estudo, e a participação ativa deles na atividade, junto a conexão com as angústias apresentadas, foi tocante. Cada frase de conforto lida ecoou como um suspiro de esperança, especialmente para aqueles que haviam relatado suas angústias, conferindo à atividade um caráter significativo e emocionante.

Reconhecer e respeitar o próximo em sua integralidade tem sido um desafio constante em nossa cultura. Ao longo da história, a tendência humana tem sido dividir, segregar, subjugar e desmerecer, muitas vezes negligenciando a humanidade compartilhada. É essencial lembrar que cada indivíduo, independentemente de sua identidade, experiência, é humano,

com vivências, angústias e anseios similares, buscando amor e reconhecimento. Isso vale tanto para aqueles que se alinham com as normas sociais quanto para aqueles que não se encaixam nelas.

Nesse contexto, a instituição educacional desempenha um papel fundamental ao promover diálogos que buscam soluções para erradicar os preconceitos arraigados em nosso cotidiano. A empatia emerge como um tesouro conceitual, ganhando ainda mais relevância em um mundo cada vez mais instável. Trata-se de mergulhar na perspectiva alheia, uma ação vital para a convivência coletiva. Essa postura implica em se colocar no lugar do outro, sem emitir julgamentos precipitados, com a intenção de compreender uma variedade de situações e pontos de vista.

A relevância da empatia vai além do contexto pessoal. No ambiente escolar, esse conceito assume uma importância significativa. Ele capacita os alunos a reconhecerem que a diversidade enriquece nosso mundo, promovendo solidariedade ao compreenderem as diferenças. Esse conhecimento não apenas aprimora as interações diárias, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa.

As emoções são componentes cruciais no desenvolvimento infantil. Portanto, o professor precisa compreender e manejar os estados emocionais das crianças para promover um crescimento individual mais eficaz. Nesse contexto, Antunes (2008) enfatiza que o professor desempenha um papel central no auxílio ao aluno para que ele descubra suas qualidades e talentos, surpreendendo-se com suas próprias capacidades e assumindo responsabilidade, disciplina e felicidade em sua jornada educacional.

A escola desempenha um papel crucial no desenvolvimento socioemocional da criança, uma vez que facilita as interações interpessoais essenciais para a aprendizagem. Conforme apontado por Almeida, a escola é fundamental na construção dessas relações interpessoais que são vitais para o processo educacional:

“A escola, tanto quanto a família, tem seu papel no desenvolvimento infantil, e a relação professor-aluno, por ser de natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento. Os conflitos que podem surgir dessa relação desigual exercem um importante papel na personalidade da criança”(ALMEIDA, 2005, p.106).

Em suma, Almeida destaca a complexa interação entre professores e alunos e como essa relação, mesmo com seus desafios, pode ser uma oportunidade enriquecedora para o crescimento e o desenvolvimento da personalidade infantil.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, conforme proposto por Trivinos (1987), com o propósito de aprofundar a compreensão da realidade e sugerir possíveis mudanças. Portanto, a análise e interpretação da realidade são aspectos centrais. O objetivo primordial desta pesquisa consistiu em examinar as percepções relativas ao *bullying* e à prática da empatia no ambiente da sala de aula.

A coleta dos dados ocorreu no mês de agosto de 2023, para este fim, empregou-se uma dinâmica de grupo, desenvolvida como parte do projeto PIBID. A categorização dos dados foi embasada em estudos da literatura pertinente, após uma exploração breve por meio de pesquisa bibliográfica, em livros e artigos científicos concernentes aos temas da empatia e do *bullying*.

A fundamentação para este projeto derivou do conteúdo abordado durante o semestre sobre *bullying* nas aulas prévias à dinâmica. No dia da atividade, os conceitos de empatia e *bullying* foram revisados, juntamente com tópicos já discutidos em aulas anteriores. O projeto conforme já mencionado anteriormente, transcorreu em três fases: Apresentação, Dinâmica de Grupo e Momento de Reflexão, todas realizadas em sala de aula. A primeira fase, denominada Apresentação, compreendeu uma exposição conceitual sobre o tema, delineando a temática a ser explorada no projeto.

A Dinâmica de Grupo, segunda fase do projeto, proporcionou aos alunos a oportunidade de expressão, permitindo participação voluntária nas atividades, conforme tem sido a prática ao longo do projeto PIBID. Destaca-se a notável adesão da turma à atividade, com opção de expressão anônima. Evidenciou-se um engajamento completo por parte dos alunos, os quais compartilharam angústias frequentemente relacionadas a questões delicadas, muitas vezes inibidas de serem expostas, possivelmente devido a relatos prévios de outros professores acerca da natureza retraída da turma.

Na terceira etapa, o Momento de Reflexão, emergiram posicionamentos significativos de alunos que se identificaram com as angústias de seus colegas, revelando a similaridade das problemáticas enfrentadas. O destaque vai para a percepção de que a atividade permitiu uma compreensão mais profunda das realidades dos colegas, mesmo sem identificar as fontes específicas das angústias, agora reconhecidas e compartilhadas.

A análise dos dados baseou-se em uma abordagem qualitativa, fornecendo um processo coerente que busca resultados pertinentes ao ambiente escolar. Segundo Gil (1999),

em "Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração", a pesquisa qualitativa oferece um método consistente para a obtenção de insights enriquecedores sobre a vivência escolar.

“A adoção dessa metodologia possibilita uma investigação mais profunda das questões inerentes ao fenômeno em análise e suas interconexões. Isso é alcançado através da ênfase em estabelecer um contato direto e imersivo com a situação sob estudo, visando compreender tanto os aspectos comuns quanto estando receptiva à percepção das particularidades e múltiplos significados envolvidos” (Gil, 1999, p.25).

No alcance dos objetivos deste estudo, concentramo-nos na população-alvo constituída por alunos do 9º ano de uma instituição de ensino pública. Com isso, direcionamos nossos esforços para investigar a experiência docente sob uma perspectiva reflexiva, focalizando a observação durante essa atividade. Nesse contexto, Libâneo (1999) enfatiza que:

Ao compartilharmos, no dia-a-dia do ensinar e do aprender, ideias, percepções, sentimentos, gestos, atitudes e modos de ação, sempre ressignificados e reelaborados em cada um, vamos internalizando conhecimentos, habilidades, experiências, valores, rumo a um agir crítico-reflexivo, autônomo, criativo e eficaz, solidário. Tudo em nome do direito à vida e à dignidade de todo o ser humano, do reconhecimento das subjetividades, das identidades culturais, da riqueza de uma vida em comum, da justiça e da igualdade social. Talvez possa ser esse um dos modos de fazer pedagogia (LIBÂNEO, 1999 p.02)

É importante destacar que a prática docente relatada não ocorreu de maneira espontânea ou desprovida de suporte. Ela é construída a partir de planejamentos elaborados, objetivos definidos e metas a serem alcançadas. O foco principal foi à busca do aprendizado dos alunos e no seu progresso no desenvolvimento educacional bem como nas suas relações de empatia consigo e com o outro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O pensador espanhol Josep Maria Esquirol (2009) observou que estamos existindo em um "mundo de indiferentes", à medida que nos vemos imersos em uma onda de informações e consumismo exacerbado. Conseqüentemente perdemos a habilidade de dedicar atenção genuína, de "olhar duas vezes", e de nos maravilharmos com a oportunidade de contemplar, escutar e compreender o que nos parece estranho, enigmático ou desconfortável. O tempo para uma observação minuciosa e uma audição atenta nos escapa; frequentemente mostramo-nos incapazes de nos projetar nas vivências alheias, nas suas felicidades e, especialmente, nas suas angústias e sofrimentos.

Com um olhar mais atento e sensível através desta dinâmica conseguimos aplicar a empatia no contexto educacional, assim compreendendo que a mesma desempenha uma função vital no fomento da habilidade de compreender e se inserir no mundo. Por

consequente, temos a definição do papel do educador, como um mediador, que nestas situações se torna consideravelmente enriquecido ao facultar aos alunos a oportunidade de praticar a empatia consigo mesmo e com os outros.

Quando o aluno consegue ver o colega como uma pessoa distinta dele e adentrar em suas realidades, medos e angústias, frequentemente passa a adotar uma perspectiva menos crítica e mais compreensiva em relação ao outro e ao mundo. Isso pode até levar à identificação de suas próprias angústias nas experiências dos outros, transmitindo a sensação de não estar sozinho. Assim foram atingidas as metas estabelecidas, uma vez que os estudantes se envolveram de maneira satisfatória em todas as fases do projeto. A observação revelou que o cultivo da empatia na sala de aula detém uma importância extrema, ao fornecer aos alunos as ferramentas necessárias para enfrentar crises e os preparar para a resolução de conflitos.

Numa sociedade caracterizada pelo excesso de informações e por uma ciência por vezes desprovida de humanidade, surge a questão sobre o papel da educação em combater a indiferença e a apatia. A presença da empatia nas escolas contribui para a formação integral do indivíduo. De acordo com Savian Filho (2012), a empatia não nos coloca literalmente dentro do outro indivíduo, mas nos faz perceber o objeto central da experiência dele, ou seja, as emoções e os sentimentos que ele está vivenciando. Através da empatia, somos capazes de entender e nos conectar com o que a pessoa está sentindo, mesmo que não possamos experimentar exatamente a mesma vivência pessoal e única que ela está vivendo.

[...] Em outras palavras, pela empatia, não vivo a experiência do outro, pois essa é vivência dele e absolutamente pessoal, intransferível, mas vivencio o objeto que ele vivencia, o objeto de sua experiência. [...] A empatia, portanto, rigorosamente falando, não me põe dentro do outro, mas faz que eu me dê conta do objeto de sua experiência. (Savian Filho, 2012, p. 4)

Assim, incorporar a empatia no contexto escolar não apenas contribui para o progresso individual, mas também nutre outras habilidades socioemocionais, como solidariedade e colaboração. Ao enfatizar a empatia na sala de aula, promove-se a abertura ao novo e estimulam-se competências essenciais para a jornada da vida. Nossas conclusões corroboram a importância do cultivo da empatia em sala de aula, pois auxiliam os alunos a enfrentar crises, solucionar conflitos e aprimorar seus vínculos interpessoais. Ademais, os alunos passam a conseguir identificar e abordar questões que, mesmo não os afetando diretamente, possuem impacto sobre seus colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades implementadas revelaram êxito e relevância no desenvolvimento dos educandos, impulsionando a aprendizagem por meio da troca e do conhecimento das realidades, em conformidade com as diretrizes da BNCC, em que os alunos são instados a evoluir em sua capacidade de atuar com autonomia emocional, expressando sentimentos e respeitando a diversidade, a cooperar em grupos e a internalizar normas de convívio social. Nesse paradigma, o professor assume o papel de mediador do conhecimento, enquanto o aluno emerge como protagonista de sua própria jornada cognitiva.

As crianças que aprendem essas competências socioemocionais vão crescer tendo consciência de quem são, dos pontos fortes que têm para contribuir com a sociedade e de como podem trabalhar para desenvolver essas áreas. Consideramos importante essa compreensão do que é empatia, nestes momentos compartilhados em sala de aula, e o quanto conhecer o outro, seus medos, angústias e sentimentos podem ser fortalecedor, pois a ideia de não estar sozinho, de não ser o único a sentir aquilo faz com que o aluno sinta um conforto perante sua angústia, e quando isso é expresso por uma frase de esperança dita por um colega, há uma troca de sentimentos realmente inspiradora.

A experiência nos possibilitou compreender o quão carente nossos adolescentes estão de serem ouvidos, mesmo com tantos dispositivos tecnológicos e formas variadas de se expressarem. Alguns temas afloraram mais que outros, e foi impressionante como alguns assuntos geravam mais manifestação. Nossos alunos chegam à escola todos os dias com a mochila carregada, e nem sempre é de livros, mas também de angústias, incompreensões e sentimentos.

Há uma necessidade constante de trabalhar essas temáticas em sala de aula, de desenvolver estudos avaliando o impacto destes momentos nas atitudes e desempenhos dos alunos. Há a real e urgente necessidade de envolvimento do educador como ser mediador e motivador, que possibilite aos alunos momentos de se conhecer e conhecer o outro, de compartilhar e de atuar com um olhar observador sobre as outras realidades, compreendendo as diferenças e as “feridas” que algumas situações podem causar.

Não conseguimos dar um abraço em cada um, e dizer que tudo ia ficar bem e que não estavam sozinhos. Mas procuramos incentivá-los a fazerem isso uns aos outros, a empatia precisa ser posta em prática. Foi um momento intenso e inesquecível, de troca, de aprendizado e de confiança, inesquecível. A empatia precisa ser espalhada pelas salas de aula, pelas escolas, pelas ruas, pelas cidades, pelo mundo...

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, Aron Gabriel e Bernardo por darem sentido, força e razão para minha vida, e especialmente ao meu filho autista Benjamin, que me proporcionou outra visão de vida e mundo, me ensinando todos os dias sobre verdade, espontaneidade, paciência, paciência e paciência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. A emoção na sala de aula. 5ª ed. São Paulo: Papyrus, 2005.
- ANTUNES, C. Como ensinar com afetividade. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum BNCC. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- ESQUIROL, Josep M. O respeito ou o olhar atento: uma ética para a era da ciência e da tecnologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- EMPATIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: www.dicio.com.br/empatia/. Acesso em: 31/08/2023.
- FARIAS, Moisés Rocha. A empatia como condição de possibilidade para o agir ético. 97 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UFC, Fortaleza, CE, 2013.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LOPES NETO, Aramis. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5 suppl., p. 164-172, 2005. ISBN 978-85-240-4074-0.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- ROBERTS, W. & STRAYER, J. Empathy, emotional expressiveness, and prosocial behavior. *Child Development*, 1996.
- SAVIAN FILHO, Juvenal. Em torno da empatia segundo Edith Stein: pode-se empatizar a “vivência” de alguém que está dormindo? In: COLÓQUIO BRASILEIRO DE ESTUDOS FENOMENOLÓGICOS, 2., 2012, São João del Rei. p.4, 18/09/2012. Disponível em: <http://gtedithstein.blogspot.com.br/2015/06/empatia-sob-perspectiva-fenomenologica.html>. Acesso em: 5 agosto 2023.
- SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e pesquisa*, 27(1), 87-103, 2001.
- STEIN, Edith. Sobre el problema de la empatía. Madrid: Editorial Trotta, 2004.
- TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.